

DORORIDADE, FICÇÃO E REALIDADE NO CONTO “SHIRLEY PAIXÃO”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

*Mariliane Dalmolin**
marilianedalmolin@hotmail.com
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

*Marcos Hidemi de Lima***
marcoshidemidelim@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo: O presente estudo se propõe a analisar a relação existente entre literatura e sociedade no conto “Shirley Paixão”, de Conceição Evaristo. Em um primeiro momento, busca-se esclarecer que o texto evaristiano, embora respaldado por fatores externos à narrativa, não deve ser entendido apenas sob a perspectiva sociológica, pois ainda configura como uma criação artística. Nesse sentido, serão destacados elementos que denotam a presença da ficção e da realidade na prosa em questão, demonstrando brevemente o que a difere das demais produções literárias brasileiras. Para além disso, outro tópico a ser tratado diz respeito à dororidade, afinal de contas é este termo pouco conhecido que une as personagens femininas em torno de um tópico em comum: a dor. Em face do exposto, a fim de comprovar as ideias apresentadas, serão utilizados números reais que reforçam a proximidade entre história e ficção. Ademais, são fundamentais também as leituras de Candido (2006), acerca da interdependência entre ambas as esferas citadas, e Piedade (2019), que explica e discute o conceito de dororidade. Assim sendo, foi possível concluir que Evaristo edifica sua escrita em assuntos comuns a uma parcela significativa da sociedade e, ao poetizá-las, inventa uma maneira distinta de representar as mulheres pretas na literatura nacional.

Palavras-chave: “Shirley Paixão”; Conceição Evaristo; dororidade; ficção; realidade.

* Mestranda em Literatura pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco, com foco nos estudos literários brasileiros. Licenciada pela mesma universidade em Letras - Português/Inglês. Ao longo da graduação atuou como bolsista pelo Programa Institucional de Iniciação Científica, no projeto de pesquisa intitulado “A lógica do favor em romances brasileiros”.

** Possui doutorado em Letras (2011) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e pós-doutoramento na UEL (2018). É professor do curso de graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus de Pato Branco e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da mesma instituição. Atuou como coordenador do PPGL entre abril/2019 a abril/2021. Participa dos grupos de pesquisa Estudos de Literatura Contemporânea: comparativismo, tradução e interartes (GELCON-UTFPR-Pato Branco) e Crítica e Recepção Literária (CRELIT-UENP-Cornélio Procópio). Publicou os livros sobre literatura Mulheres de Graciliano (Eduel, 2013), Várias tessituras (Eduel, 2015), Os desvãos da ordem patriarcal (Eduel, 2017), Escritos de parceria (Appris, 2018), Marcas da ordem patriarcal na literatura brasileira (Eduel, 2019), Linhas mestras (Pontes, 2020, e-book), Rabiscos rascunhos (Pontes, 2023, e-book) e os livros de poesia Dança de palavras e sons (AtritoArt, 2005), Poesiar (Medusa, 2017), Eros Piras (Medusa, 2020). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: romances brasileiros; ordem patriarcal, figuras femininas, canção brasileira.

1 Introdução

Antes de tratar sobre o conto que será analisado, é necessário explicar que, ao longo do presente artigo, com exceção de possíveis citações, as mulheres e personagens estudadas não serão caracterizadas enquanto “negras”, mas sim como “pretas”. Esta escolha é fundamentada, dentre outros, pelos escritos de Lélia Gonzalez e Vilma Piedade, que afirmam em suas respectivas publicações que o uso da palavra “negro” está associado à ideia de diminuição e negação da cor de pele preta. Portanto, assim como afirma Piedade (2019) “Digo Pretas e não Negras para não continuar alimentando a base estrutural da Opressão provocada pelo Racismo” (Piedade, 2019, p. 20). A partir desta breve explicação, os parágrafos seguintes irão focalizar os objetivos elencados anteriormente.

Conceição Evaristo se configura no espaço contemporâneo das letras brasileiras como uma das vozes femininas mais conhecidas, traduzidas e premiadas. Oriunda de uma condição socioeconômica desfavorecida, a autora mineira, ainda quando menina, entrou em contato com a literatura por meio de livros emprestados das fartas estantes dos patrões de sua tia, que trabalhava como empregada doméstica na casa de uma família abastada da região. Apesar dos empréstimos, as histórias, reais e ficcionais, estiveram presentes em seu cotidiano antes mesmo da primeira interação com uma narrativa escrita. Tais ideias podem ser constatadas nas palavras da própria literata que, ao refletir sobre a infância pobre e a relação de afeto que nutria para com os romances, ressalta que:

Do tempo/espaço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimentos e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, *inventava* (Evaristo, 2005, p. 1, grifo nosso).

Em face da citação, é possível destacar a presença das histórias orais que faziam parte do cotidiano da pequena Conceição, as quais serviam como elemento instigador a imaginação da menina que, na mesma medida em que escutava, transformava e criava suas próprias narrativas. À vista disso, não é incorreto afirmar que o contexto em que a escritora cresceu foi de fundamental importância para a produção dos seus futuros textos, que costumam reinventar e ficcionalizar uma parte

da realidade social encontrada dentre a população preta brasileira, esta, por sua vez, tão familiar à autora.

Nesse viés, ao tratar sobre as temáticas abordadas nas obras evaristianas, Stelamaris Coser (2018) aponta que há uma “[...] ênfase na história, na memória e nas experiências de pessoas e comunidades afro-brasileiras [...]. Os focos principais incidem sobre a vivência da mulher negra e pobre, com as sombras e ecos da escravidão pairando sobre o presente” (Coser, 2018, p. 23). Desse modo, é inegável que a escrita da autora mineira faz diversas referências ao real, mas, para além disso, é possível observar também em suas narrativas inúmeras características artísticas, tal como assinala Heloísa Gomes (2016), ao ressaltar que a literatura de Evaristo é produzida “Sem sentimentalismos facilitadores, mas sempre incorporando a tessitura poética à ficção [...]” (Gomes, 2016, p. 236). Dito de outra maneira, além da poeticidade no emprego da linguagem, os neologismos, a mudança de narradores, que ora utilizam o discurso direto e em outros momentos o indireto, deixam evidente a habilidade que a literata possui em manejar as palavras.

Ainda nessa perspectiva, a verossimilhança presente nas obras de Evaristo, em muitos casos, a temática mais pesquisada dentre os estudantes da área das letras. Entretanto, tais narrativas não devem ser lidas apenas sob o viés de combate, mas também como o produto artístico que de fato é. À vista disso, a união entre estes dois elementos permite que, nas páginas iniciais de *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), a autora escreva que “[...] estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas” (Evaristo, 2020, p. 13). Diante da citação, é patente que os textos da escritora, mesmo que substanciados por influências pessoais, ainda são criações imaginativas, pois, tal como proferido acima, até mesmo o real pode ser considerado ficcional quando relatado.

Considerando as ideias apresentadas, este trabalho tem a intenção de analisar a relação existente entre ficção e realidade no conto “Shirley Paixão”, de Conceição Evaristo. Em vista disso, o presente estudo objetiva ressaltar os aspectos literários que compõe a narrativa protagonizada por Shirley, além de destacar as temáticas crítico/sociais apresentadas no texto por meio da violência, que está presente na história evaristiana e, em uma esfera mais ampla, na própria sociedade. Ademais, outro tópico relevante a ser abordado diz respeito ao conceito recentemente cunhado

pela brasileira Piedade (2019), que, como a complementar os estudos feministas, criou o termo “Dororidade”, o qual trata acerca da irmandade entre mulheres pretas, assunto recorrente no texto aqui examinado.

Além disso, é importante salientar a relevância das discussões que serão levantadas a seguir, uma vez que é fundamental compreender a literatura como criação artística, a qual parte, segundo Antonio Candido (2006) de fatores externos ao texto, ou seja, do contexto social, histórico, cultural e pessoal do autor de uma determinada obra (Candido, 2006, p. 14). Portanto, a realidade está inserida na ficção, fazendo parte da temática, mas também da própria estrutura, tal como discute o crítico brasileiro em *Literatura e sociedade*. Assim sendo, os problemas sociais expostos em “Shirley Paixão”, constituem não apenas o assunto principal do conto, mas também dão forma ao narrar poético tão característico da escritora.

2 A ficção comprometida com a realidade

O primeiro livro de contos da escritora Conceição Evaristo, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, no qual se encontra “Shirley Paixão”, teve sua primeira edição publicada em 2011. O compilado de histórias tematiza, em sua maioria, questões como a pobreza e a violência que vitimizam, principalmente, as personagens femininas. Estas, por sua vez, são o foco principal das narrativas em questão, já que todos os contos, sem exceções, são intitulados por nomes de mulheres, reforçando o assunto que perpassará as páginas da ficção evaristiana.

Shirley Paixão, nome da personagem principal da história de Evaristo, em um primeiro momento, aparenta estar conversando informalmente com a narradora, todavia, logo na sequência, a protagonista transforma-se ela mesma em narradora de sua própria história. Como ponto de partida são tomados alguns relatos pessoais acerca das duas filhas biológicas, cujo pai havia abandonado sem explicações ou motivos. Além disso, Shirley conta que, algum tempo depois, outras três meninas, filhas do seu novo companheiro, foram por ela adotadas e passaram a integrar a família. Nesse cenário de aparente segurança, ocorrerão os episódios de violência que tematizam o conto estudado.

Seni, principal vítima das atrocidades relatadas, na época do ocorrido tinha apenas doze anos. A menina que há muito sofria com os abusos praticados pelo pai, era a mais acanhada entre as filhas de Shirley e, por essa razão, demonstrava a

proteção paternal que lhe era negada por meio de gestos cuidadosos para com as irmãs. Os tortuosos dias que afligiam a personagem terminam na macabra noite relatada por Shirley, na qual, em meio às investidas do homem, um ímpeto de coragem tomou conta da jovem, que gritou em busca de socorro, acordando as irmãs e a mãe para a dolorosa realidade que até então estivera escondida.

Diante da cena, a mãe, tomada por um forte instinto maternal, acerta com uma barra de ferro a cabeça do marido e agressor. Em decorrência disso, a protagonista é condenada pelo crime de ter salvo a filha de mais um estupro. Trinta anos após a noite relatada por Shirley, a personagem conta que as filhas haviam crescido e dado vida a uma nova geração de meninas, as quais acresciam a fraternidade de mulheres que constituía a família da narradora. Por fim, as últimas linhas do conto são dedicadas a refletir acerca da irmandade existente entre a figura materna e suas descendentes, que, unidas, enfrentaram a dor do passado e construíram um futuro diferente.

Tomando como ponto de partida tal perspectiva, fica patente que a narrativa aqui estudada possui um forte viés social, entretanto, assim como ressalta Cristiane Cortês (2016), os textos de Evaristo não recaem "[...] nas armadilhas da literatura puramente engajada, preservando a potência da realidade social na ficção. É uma literatura que suplementa aquela habitual, não deseja golpeá-la, mas sabotá-la, repetir para transformá-la" (Cortês, 2016, p. 54). Desta maneira, há nas obras da literata um modo diferente de retratar situações que envolvem mulheres pretas, as quais deixam de ser representadas por meio de estereótipos, assumindo um protagonismo que anda na contramão do que foi perpetuado ao longo da história literária brasileira.

Nesse sentido, segundo Constância Duarte (2010), a literata unifica os elementos ficcionais e poéticos a um recorte realista, tratando de modo lírico assuntos que, muitas vezes, foram banalizadas nas narrativas brasileiras (Duarte, 2010, p. 231). Sob este viés, é pertinente introduzir na discussão empreendida um dos questionamentos levantados por György Lukács (1914), que consiste na seguinte interrogativa: "O elemento histórico-social possui, em si mesmo, significado para a estrutura da obra, e em que medida?" Ou "seria o elemento sociológico na forma dramática apenas a possibilidade de realização do valor estético [...] mas não determinante dele?" (Lukács *apud* Candido, 2006, p. 14). Em face destas indagações, os textos de Evaristo podem ser localizados na primeira pergunta, pois a autora faz das temáticas sócio-históricas e socioeconômicas os fios condutores de

sua ficção e, por conseguinte, estes influenciam na estrutura dos seus romances, contos e poemas.

Tal ideia é perceptível, por exemplo, na primeira estrofe do poema “Da calma e do silêncio”, que trata, metaforicamente, sobre o objetivo dos textos evaristianos: “Quando eu morder/a palavra,/ por favor,/não me apressem,/quero mascar,/rasgar entre os dentes,/a pele, os ossos, o tutano/do verbo,/para assim versejar/o âmago das coisas” (Evaristo, 2017, p. 174). O trecho em questão, ao ser estruturado a partir de vírgulas e pausas, pode ser interpretado como uma representação do movimento de mastigar, o qual é empregado a fim de evidenciar a relação inseparável entre a criação literária e aquilo que é externo às páginas dos livros. Portanto, o eu lírico ressalta que a escrita é um meio de representar o verdadeiro significado que se encontra por trás da realidade social.

Para Evaristo, esse significado parte de suas vivências como mulher preta, da pobreza e das adversidades que cercavam a família e ela, pois foi a partir dessa realidade, que a autora encontrou “[...] a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita” (Evaristo, 2007, p. 17). Portanto, é possível afirmar que os textos da literatura mineira são representações de mundos conhecidos. Assim, torna-se de fácil resolução o questionamento levantado pela contista, que indaga: “É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?” (Evaristo, 2007, p. 17). Tal pergunta, permite levantar a ideia de que a ficção não existe sem a realidade, e, para os seres humanos, a vida carece da arte.

3 Ficção verdade no conto “Shirley Paixão”

Além das considerações anteriores, é importante abordar especificamente algumas das questões que permeiam a narrativa evaristiana. Nesse sentido, famílias em que a mãe se configura como a única responsável são comuns na literatura e, sobretudo, nos lares brasileiros. Tal afirmativa pode ser visualizada em dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o qual informa que “[...] 11,6 milhões de famílias são formadas por mães solo [...]” (Portal Padrão, 2022). Este número, demonstra que a realidade encontrada nas primeiras linhas de “Shirley Paixão” não é passível de estranhamento por

parte do leitor, que pode observar com frequência a ausência da figura masculina em ambientes familiares.

Este cenário é agravado quando fatores socioeconômicos também são considerados, pois do número citado no parágrafo anterior “57% das mulheres vivem abaixo da linha da pobreza e enfrentam maior restrição a condições de moradia, saneamento básico e internet. Quando esse dado é analisado entre as mulheres pretas ou pardas, o número sobe para 64%” (Portal Padrão, 2022, grifo do autor). Em face disso, é irrefutável que a realidade descrita pelos institutos está metaforicamente presente nos escritos de Evaristo, uma vez que, em sua grande maioria, as personagens que compõem as narrativas da autora são mulheres, pobres e pretas que, assim como Shirley, enfrentam todos os dias os desafios impostos por uma sociedade racista, sexista e comprometida com um ódio devoto aos menos favorecidos.

No conto aqui abordado, corroborando a ideia da ficção verdade nas obras evaristianas, logo nas primeiras linhas a protagonista fala brevemente sobre o abandono sofrido por ela e pelas filhas: “[...] minhas meninas pareciam ter esquecido a fugaz presença de um pai, evadido no tempo e no espaço, que tinha ido embora sem nunca dar notícia, e adotaram, como verdadeiro pai, aquele que se fazia presente e parecia gostar delas [...]” (Evaristo, 2020, p. 30). À vista da citação, não é possível inserir o novo companheiro de Shirley nas estatísticas mencionadas acima, entretanto, o homem também não pode ser considerado um exemplo de figura paterna, uma vez que o papel de pai exercido pelo sujeito era, na verdade, uma farsa.

Para além da notória questão acerca do abandono paternal, o trecho anterior exemplifica a estética empregada por Evaristo em seus textos. Noutras palavras, é possível observar uma poeticidade na narrativa, ou seja, se, por um lado, o assunto elencado é difícil de ser tratado, a escritora assim o faz de modo que a evasão espacial e temporal do ex-companheiro de Shirley ganhe um tom suavizante. Tal maneira de escrever possibilita que o leitor perceba o viés artístico que também está presente na narrativa aqui estudada.

Retomando a questão elencada anteriormente, é essencial perceber que, apesar de a história de Shirley e de Seni ser fictícia, a narrativa reflete a realidade de muitas famílias, crianças e jovens brasileiras. Nessa perspectiva, dados averiguados pelo Fundo das Nações Unidas indicam que inúmeras meninas foram vítimas de abusos no Brasil, e que entre os anos “[...] de 2017 a 2020, 180 mil sofreram

violência sexual – uma média de 45 mil por ano. [...]” (Unicef, 2021, s. p.). Tais números demonstram um problema comum à sociedade, que embora tenha ganhado maior destaque nos jornais, mídias e na própria literatura, ainda é inexato, pois muitos casos não são notificados, permanecendo durante anos em segredo, assim como no conto evaristiano.

Ainda sob este viés, outro fator relevante a ser considerado é a faixa etária daquelas que se caracterizam como as principais vítimas de tais abusos. Segundo a Unicef (2021, s. p.) “A grande maioria das vítimas de violência sexual é menina – quase 80%. Para elas, um número muito alto de casos envolve vítimas entre 10 e 14 anos de idade”. Em vista destas constatações, é possível afirmar que a filha mais velha de Shirley representa uma das milhares de crianças e jovens que integram os dados acima. Esta asserção é visível no episódio em que o pai de Seni tenta violentá-la uma última vez: “[...] avançou sobre Seni, gritando, xingando os maiores improperios, rasgando suas vestes e expondo à nudez *aquele corpo ainda meio menina*, violentado diversas vezes por ele, desde quando a mãe dela falecera” (Evaristo, 2020, p. 33, grifo nosso). Diante do exposto, fica comprovado que, assim como frisa Evaristo, a literatura está imersa pela triste realidade vivenciada por inúmeras brasileiras.

Para além da clara relação entre ficção e realidade em “Shirley Paixão”, outro importante elemento a ser abordado diz respeito ao modo com que a mulher preta foi caracterizada ao longo da história literária brasileira. Noutras palavras, em oposição aos inúmeros estereótipos empregados em textos como *Gabriela, cravo e canela* (1958), de Jorge Amado, em que predomina a ideia da mulata fogaosa, ou ainda em *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, no qual a escrava Bertoleza é um símbolo de submissão, Evaristo cria suas personagens femininas sob outra ótica, buscando, dessa forma, desvencilhá-las das visões eróticas e subalternas costumeiramente empregadas por literatos brasileiros.

Esta ideia fica evidente no conto aqui estudado, no qual a protagonista e suas meninas não podem ser lidas por meio de uma visão fragilizada. Pelo contrário, Shirley, quando toma consciência do que acontece no quarto das filhas, não hesita em agir de modo violento, mas, ao mesmo tempo, corajoso e protetor: “Foi com uma precisão quase mortal que golpeei a cabeça do infame. Ao lembrar o acontecido, sinto o mesmo ódio. Repito que não me arrependi. Se há um arrependimento, foi de ter confiado naquele homem, que contaminou de dores a

vida de minhas meninas” (Evaristo, 2020, p. 32). Sendo assim, a escritora ressignifica o sofrimento das personagens, deixando no passado o papel passivo atribuído às mulheres ao longo da história.

Ademais, a protagonista e as demais personagens evaristianas podem ser inseridas no que Regina Dalcastagè (2012) destaca ao tratar sobre às personagens contemporâneas, as quais são deslocadas dos papéis de vítimas ou heroínas, “[...] tomando a punho a condução da própria história” (Dalcastagnè, 2012, p. 94). Tal mudança no meio literário pode ser considerada um reflexo do que ocorre na sociedade, pois uma parcela, embora pequena, de mulheres pretas têm conseguido ocupar espaços que antes lhe eram negados. Um exemplo disso é a própria Evaristo, que adentra no mundo das letras brasileiras, rompendo com o padrão das mulheres de sua família, que, predominantemente, foram empregadas domésticas.

Em viés semelhante, Rachel Soihet (1989), ao tratar especificamente sobre a violência contra a mulher em uma perspectiva sociológica, afirma que:

Ao contrário do usual, muitas populares vítimas da violência rebelaram-se contra os maus-tratos de seus companheiros numa violência proporcional, precipitando soluções extremas; mais uma vez desmentindo os estereótipos correntes acerca de atitudes submissas das mulheres (Soihet *apud* Del Priore, 2011, p. 391).

Em face do exposto, é perceptível que o histórico de passividade feminina relatado pela literatura nacional não deve ser considerado totalmente verossímil, pois, como comprovado na citação, muitas mulheres assumiram papéis contrários, atuando como agentes e não mais apenas como pacientes em situações conflituosas. Desse modo, ao aproximar os fatos históricos da ficção, não restam dúvidas de que Shirley pode ser interpretada a partir da citação anterior, pois, a personagem demonstra essa outra face das vítimas de violência, as quais não se encontram resignadas diante do ocorrido, pelo contrário, estão determinadas a romper com o ciclo de submissão a que estiveram ligadas ao longo da história.

Seguindo essa linha de raciocínio, ao discutir a temática da violência nos contos que compõem *Insubmissas lágrimas de mulheres*, Natália Fontes de Oliveira (2016) ressalta que “[...] a maternidade auxilia as personagens a lutarem contra a vitimização causada pela violência doméstica. A figura materna [...] foge de

representações tradicionais que a associam à submissão” (Oliveira, 2016, p. 160). Assim sendo, pode-se notar que os laços maternos possuem grande relevância nas obras evaristianas, mas, para além das relações entre mães e filhas, há na escrita da autora um espaço de destaque para a união feminina.

Nessa perspectiva, no conto de Evaristo, este vínculo entre mulheres vai além dos preceitos da sororidade, pois o laço que une Shirley e as meninas é reforçado por uma bagagem histórica e uma vivência única, estas conhecidas apenas por mulheres pretas. Em virtude disso, a irmandade existente entre as personagens femininas do texto acontece, sobretudo, a partir da dororidade, termo recentemente criado. A palavra, em um primeiro momento, pode ser utilizada para responder a um questionamento comum acerca das teorias feministas, ou seja, há a possibilidade de empregar tais pressupostos da mesma maneira entre brancas e pretas. A resposta para tal pergunta é fácil de ser encontrada, pois, segundo Piedade (2019):

Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravamento nessa dor. A Pele Preta nos marca na escala inferior da sociedade. E a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado. É só verificar os dados...

A Sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, um novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das Mulheres: a Dor – mas, neste caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele (Piedade, 2019, p. 17).

Diante da explicação, é possível relacionar a citação aos textos evaristianos e, mais precisamente, à “Shirley Paixão”. No conto, a protagonista e as cinco filhas possuem uma relação muito próxima, como se não partilhassem apenas o espaço físico, de modo que as personagens expressam uma ligação incomum, além dos laços sanguíneos, ou seja, há entre as figuras femininas o fardo histórico descrito por Piedade. Esta ideia pode ser percebida nas ações de Seni, a qual, segundo a mãe, “Era capaz de ficar longo tempo de mãos dadas com as irmãs, ou comigo, sem dizer nada, em profundo silêncio” (Evaristo, 2020, p. 30), ou ainda, na fala da narradora ao enfatizar que, enquanto as garotas iam crescendo, “[...] o homem da casa nos acusava, implicando com o nosso estar sempre junto. Nunca me importei com as investidas dele contra a feminina aliança que nos fortalecia. [...] em alguns

momentos, eu chegava a pensar que estávamos nos fortalecendo para um dia enfrentarmos uma luta” (Evaristo, 2020, p. 30).

Os trechos acima demonstram uma conexão que não carecia de verbalização, bastando gestos e cumplicidade. Ainda sob esta perspectiva, outro exemplo da dororidade é encontrado no episódio subsequente ao salvamento da filha mais velha de Shirley, no qual a narradora relata que “Naquele momento de total incompreensão diante da vida, eu não sabia o que dizer para Seni. Somente a embrulhei no lençol e fiquei com ela no colo, chorávamos. Elas, as irmãs e eu. Esquecemos o corpo caído no chão” (Evaristo, 2020, p. 34). Em face à cena descrita, fica evidente a semelhança existente entre o gesto mencionado no parágrafo anterior e o choro compartilhado, pois, em ambas as situações, as personagens não colocam em palavras a dor que as perpassa, mas, juntas, sentem-na de maneira equivalente.

Portanto, o choro e a dor provocada pelos acontecimentos não são restritos à Seni. Pelo contrário, as lágrimas da jovem são partilhadas por aquelas a sua volta, ou ainda, em uma esfera mais ampla, por tantas outras mulheres pretas, que vivenciaram situações semelhantes. Desse modo, o texto de Evaristo coloca em evidência a dororidade contida na sororidade, uma vez que ambos os conceitos estão interligados. Entretanto, o neologismo brasileiro “[...] contém as sombras, o vazio, ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa Dor é preta” (Piedade, 2019, p. 16). Em suma, a irmandade narrada por Shirley é sinônimo de resistência e persistência, tal como fica evidente no desfecho do texto:

Hoje, quase trinta anos depois desses dolorosos fatos, continuamos a vida. Das meninas, três já me deram netos, estão felizes. Seni e a mais nova continuam morando comigo. A nossa irmandade, a confraria de mulheres, é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que despontam (Evaristo, 2020, p. 35).

À vista das discussões realizadas ao longo desse trabalho, bem como da citação acima, pode-se constatar que as personagens de “Shirley Paixão” fogem aos trágicos finais encontrados em muitos textos brasileiros, nos quais é comum que a mulher termine a história morta ou subjugada. Na narrativa evaristiana o desfecho é outro, pois, segundo Conceição Flores e Ilane Ferreira Cavalcante (2011), ao analisarem o conto, “O passado sobrevive na lembrança daquela ‘confraria de mulheres’, cujos laços de amor se sobrepõem à violência do crime” (Flores;

Cavalcante, 2011, p. 104). Portanto, a conclusão apresentada no conto também contraria os estereótipos, uma vez que Evaristo dá destaque à união feminina e, principalmente, ao poder que esta tem em ressignificar a dor.

Nesse sentido, ao estabelecer uma ponte entre realidade e ficção, é possível criar um diálogo entre o texto de Evaristo e algumas reflexões levantadas por Candido (2006), que, ao discutir sobre a relação entre literatura e sociedade, determina que a liberdade em criar:

[...] é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta tradição metódica. Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante a sua eficácia como representação do mundo (Candido, 2006, p. 22).

Em virtude disso, é possível atestar que o ato de escrever pode ser compreendido como sinônimo de criar. Mais especificamente nos textos de Evaristo, esse processo ocorre a partir de fatos históricos e problemas sociais, que são transformados por meio das sutilezas poéticas, do emprego de figuras de linguagem, dos narradores alternados, dentre tantos outros elementos que poderiam ser citados. Portanto, a ficção evaristiana possui, para além da função social, evidentes características artísticas, as quais propiciam à escritora abordar assuntos, tais como os que integram o conto “Shirley Paixão”, de modo a transfigurar a dor em arte. Assim sendo, fica patente que as narrativas inventadas pela autora não possuem vínculos de fidelidade para com a realidade, mas utilizam desta para construir um forte alicerce em sua literatura.

Ademais, Evaristo, involuntariamente, descreve de maneira eficaz situações que podem ser entendidas como exemplos de dororidade. Isto acontece, sobretudo, devido à autora partilhar da condição histórica citada por Piedade (2019). Desse modo, o entendimento da escritora acerca dos desafios impostos às mulheres pretas não é restrito ao sentimento de solidariedade, contido no conceito de sororidade. A literata vai além, pois divide com as personagens ficcionais por ela inventada a dor ímpar do racismo.

4 Conclusão

A partir do que foi exposto ao longo deste trabalho, notou-se que a infância rica em histórias, embora desprovida nos demais aspectos, influenciou, anos mais tarde, nas criações literárias de Evaristo. Tal ideia, permite concluir que o destaque dado pela autora à memória não é mera coincidência, afinal, muitas de suas personagens narram os acontecimentos a partir de um evento passado, assim como ocorre em “Shirley Paixão”, que exemplifica a interferência do passado no presente das personagens. Ademais, o conto também coloca em evidência o protagonismo feminino, que verseja suas dores e vivências.

Ademais, o conto aqui analisado aborda temáticas que focalizam problemas sociais, principalmente aqueles que atingem uma camada específica da população brasileira: as mulheres pretas. Assim sendo, fica patente a relação entre ficção e realidade que integra o texto estudado, afinal, tal como antes observado, assuntos como violência, abandono paternal, injustiças e a cumplicidade feminina são recorrentes nas histórias que acontecem externamente às páginas literárias. Nesse sentido, o recorte escolhido pela autora insere a sua literatura em um viés de engajamento, possuindo, para além do papel artístico, uma função crítica.

Além do exposto, há no conto inúmeros elementos literários que transformam a realidade em expressão artística. Dentre estes, é possível citar a notória poeticidade que a autora emprega em sua escrita, as alternâncias entre passado e presente ou, ainda, a mudança de narradoras, que passa de terceira para primeira pessoa rapidamente. Ademais, outro fator importante a ser ressaltado é a ausência de estereótipos no texto evaristiano, sobretudo, no que diz respeito às personagens femininas, que não são caracterizadas por atributos físicos ou pela subserviência, assim como ocorre em muitos escritos brasileiros. Desse modo, Evaristo mostra ao leitor uma representação contrária daquela a que estão habituados, na qual, a mulher preta pinta a si mesma sob o olhar de quem vivenciou na carne a ficção.

Sob esta perspectiva, Seni, a filha mais velha de Shirley, pôde ser interpretada como uma espécie de personagem símbolo que, mesmo tendo sido inventada por Evaristo, em muitos aspectos espelha jovens meninas cujos familiares, em vez de protegê-las, compactuam com o aumento dos dados apresentados anteriormente. Nesse cenário entrelaçado pelo real e pelo ficcional, os números de casos de abandono paternal também chamam a atenção, ficando estes maiores quando é levado em conta a cor de pele das mães que, assim como a protagonista do conto, são desamparadas por aqueles que deveriam cumprir o papel de pai.

Em viés semelhante, é possível destacar a relevância dada no conto para a relação entre mãe e filhas, a qual denota a cumplicidade feminina estabelecida para além dos laços sanguíneos. Tais vínculos, como o de Shirley e das meninas que ela adotara, podem ser associados, em um primeiro momento, à sororidade que paira sob as personagens. Entretanto, para além da irmandade, há, em comum entre as personagens, um passado que as entrelaça e um presente que persiste em perpetuar práticas violentas contra à mulher, sobretudo as que possuem a pele preta.

O laço que une Shirley e as filhas pode ser resumido em uma única palavra: dor. Esta, quando analisada sob uma perspectiva sociológica, é denominada por Piedade (2019) de dororidade, isto é, o sentimento compreendido apenas por mulheres pretas. Dessa forma, as personagens de Evaristo exemplificam ficcionalmente esta partilha, sendo possível observá-la em trechos em que não há uma comunicação verbal entre a protagonista e suas meninas, estas compreendendo uma à outra apenas por gestos, como o choro que une as seis figuras femininas diante do horror descoberto no quarto de Seni.

Ainda nessa perspectiva, observa-se que as dores impostas às personagens são enfrentadas a partir da união feminina, corroborando com as ideias feministas de sororidade e, mais especificamente, com a dororidade. Desse modo, fica evidente que a identificação entre mãe e filhas, mesmo as adotivas, narrada por Shirley não é restrita a um ato bondoso e amoroso, para além disso a protagonista possui uma enorme identificação com suas meninas, que compartilham um passado e um presente marcados pelo sofrer. Assim sendo, a cumplicidade dentre as mulheres pretas no texto de Evaristo, objetiva salientar a relação entre literatura e sociedade, uma vez que ambas estão repletas de Senis, Shirleys e Conceições, que buscam nas próximas gerações a amenização das angústias por elas vivenciadas.

DORORIDADE, FICTION AND REALITY IN THE STORY “SHIRLEY PAIXÃO”, OF CONCEIÇÃO EVARISTO

Abstract: The present study proposes to analyze the relationship between literature and society in the short story “Shirley Paixão”, of Conceição Evaristo. At first, we seek to clarify that the evaristian’s text, although supported by factors external to the narrative, it should not be understood from a sociological perspective, as it still configured as an artistic creation. In this sense, elements that denote the presence of fiction and reality in the prose will be highlighted, briefly demonstrating what differs it from other Brazilian’s literary productions. Also, another topic to be addressed

concerns to dororidade, after all it is this little-known term that unites the female characters around a common topic: pain. In view of the above, to prove the ideas presented, real numbers will be used to reinforce the proximity between history and fiction. Are fundamental the Candido's (2006) readings, about the interdependence between both spheres mentioned, and Piedade (2019), that explain and discusses the concept of dororidade. Therefore, it was possible to conclude that Evaristo's builds his writing on subjects common to a significant portion of society and, by poetizing them, she invents a different way of representing black women in national literature. **Keywords:** "Shirley Paixão"; Conceição Evaristo; dororidade; fiction; reality.

Referências

ABANDONO PATERNAL É A REGRA NO BRASIL. *Portal Padrão*, São Luís, 11 ago. 2022. Disponível em: <https://portaldpadrao.ufma.br/tvufma/noticias/abandono-paterno-e-a-regranobrasil#:~:text=O%20abandono%20paterno%20%C3%A9%20uma,m%C3%A3es%20nas%20certid%C3%B5es%20de%20nascimento. Acesso em: 12 set. 2022.>

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CÔRTEZ, Cristiane. Diálogos sobre escrevivência e silêncio. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Orgs.) *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016.p.51-60.

COSER, Stelamaris. Circuitos transnacionais, entrelaçamentos diaspóricos. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Orgs.) *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016. p. 15-29.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

DUARTE, Constância Lima. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. In: Duarte, Constância L.; ALEXANDRE, Marcos Antonio; Duarte, Eduardo de A.;. (Org.). *Falas do outro - Literatura, gênero, etnicidade*. 1. ed.Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010, v. 1, p. 229-234.

EVARISTO, Conceição. Escre(vi)(vendo)me: ligeiras linhas de uma auto-apresentação. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros, SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) *Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora*. João Pessoa, UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005. p. 1-15.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe; um dos lugares de nascimento de minha escrita. In Alexandre, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

FLORES, Conceição; CAVALCANTE, Ilane Ferreira. O grito do silêncio: uma leitura do conto Shirley Paixão. *Verbo de Minas*, Juiz de Fora, v. 12, n. 20, p. 97-110, ago/dez. 2011.

GOMES, Heloísa. Algumas palavras sobre a tessitura poética de Olhos d'água. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Orgs.) *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016.p.235-237.

NOS ÚLTIMOS 5 ANOS, 35 MIL CRIANÇAS E ADOLESCENTES FORAM MORTOS DE FORMA VIOLENTA NO BRASIL, ALERTAM UNICEF E FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Unicef*, 22 out. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/nos-ultimos-cinco-anos-35-mil-criancas-e-adolescentes-foram-mortos-de-forma-violenta-no-brasil>. Acesso em: 12 set. 2022.

OLIVEIRA, Natália Fontes de. Os condenados da terra: Violência doméstica e maternidade em Insubmissas lágrimas de mulheres. In: Duarte, Constância L.; ALEXANDRE, Marcos Antonio; Duarte, Eduardo de A. (Org.). *Falas do outro - Literatura, gênero, etnicidade*. 1. ed. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010, v. 1, p. 159-173.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2019.

Recebido em 21/09/2023

Aceito em 25/06/2024

Publicado em 30/09/2024